

Repensando ações antitabagismo

Elioenai Dornelles Alves

Sempre que abordamos o tema antitabagismo em conferências, aulas ou cursos, e sempre sem a visão de previsão de futuro, mas de compromisso com o futuro na área de saúde – contexto onde ocorre nossa prática profissional –, investigamos um pouquinho mais para saber o que as pessoas e os profissionais buscam mudar.

O que os gestores de saúde, as lideranças políticas para as questões de saúde buscam, e também os leitores de um artigo esperam ao abordarmos essa temática, uma vez que a própria leitura de como esse tema está colocado permitiria duas abordagens: uma tendo a educação como um instrumento, ou um dos instrumentos de promoção na área de saúde, outra do ponto de vista em que os profissionais da saúde, se não são, deveriam ser educadores, no qual nós entraríamos pelos meandros da questão profissional no combate ao tabagismo.

Para sair de uma reflexão apenas da dimensão teórica nesta questão que nos propomos discutir, farei algumas considerações mais além, buscando nas dimensões política, metodológica e filosófica entender as relações desse tema com a política de saúde e educação. Como essas questões foram abordadas no passado, como estão na atualidade? Entendo que analisar se trata de avanços, sonhos ou ranços que poderão contribuir para as críticas do leitor. E principalmente se conseguirmos convencer da continuidade dessas reflexões relacionando-as com o processo de formação e de trabalho dos recursos humanos que estão ligados à saúde: como ela vem sendo feita pelas universidades ou pelos locais de formação, enquanto processo de ensino-aprendizagem, com ênfase ao autocuidado; e como estão sendo estudados, pesquisados, ensinados e aprendidos pelos aliados das questões de educação e saúde no Brasil.

Como pensar então a saúde em um país onde o cenário epidemiológico coloca em primeiro lugar as doenças transmissíveis, que são redutíveis por agentes imunizantes; em segundo lugar, a violência na saúde; em terceiro, as doenças reemergentes, compreendidas como sobre controle nas últimas décadas e que voltam a ameaçar a população brasileira? No planeta Terra o uso das drogas, do fumo e do álcool e seus efeitos perversos na saúde das populações estão em quarto lugar, chamando nossa atenção para ver um fenômeno que acontece mundialmente e também no Brasil que também nós não conseguimos detê-los e olhá-los na sua especificidade.

Quando colocamos que a questão é o homem (não são somente as doenças), nós somos obrigados a colocar aquilo que vem sendo discutido no mundo inteiro hoje, nas sociedades que têm convivido com um padrão de cidadania e qualidade de vida mais avançado, que é discutir as questões da saúde, da ética, da moral, da solidariedade. Para não falar a palavra amor, que envolve responsabilidade com a vida, não só como responsabilidade do governo, mas como uma questão externa à sociedade e ao indivíduo, mas a responsabilidade do estado aliada à responsabilidade individual e coletiva no padrão epidemiológico, no padrão de indicadores de saúde da população.

Para que ocorram as mudanças que desejamos, estudos recentes relacionam atividades bastante abrangentes como estratégias de solução, que associadas à promoção da saúde em ações antitabagistas podem contribuir satisfatoriamente. Essas ações são formação e desenvolvimento pessoal (que inclui conhecimento e informação das causas e determinantes de saúde); acesso aos serviços de saúde para a população, que orientem estimulando para qualidade de vida; informação e educação pelos meios de comunicação, como marketing social e informação mediante notícias; ensino a distância pelo rádio e TV; desenvolvimento organizativo com promoção da saúde entre seus próprios membros; medidas ambientais como água potável, melhor planejamento de casas populares, rodovias mais seguras; atividades econômicas e reguladoras com medidas fiscais, legislação, controle do uso de agrotóxicos; e colaboração intersectorial: comércio, indústria, agricultura e transporte.

Os serviços e os órgãos formadores trabalham nesse sentido há anos, e as mudanças ainda não ocorreram. Mas é preciso entender que mudanças estão ocorrendo na intimidade da sociedade e tentar entender as possibilidades de mudanças. Tendo o paradigma promocional como questão central em que tem que ser levado em uma luta. É assim que esperamos mudar práticas individuais equivocadas, que não contribuem para a qualidade de vida tão desejada ao coletivo saudável.